

Narcisismo

Glauca Tonini Sitta - ¹, Roger de Lucca^{2, 3}, Pedro Henrique Nucci⁴, Angela Marcari Gimenez
¹ Discente do Curso de Psicologia do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior - ITES - email: angelamarcari@hotmail.com, ² Docente do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior – ITES, pesquisador da FCLAR UNESP Araraquara/SP roger_lucca@hotmail.com; ³ Discente do Curso de Psicologia do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior – ITES; ⁴ Discente do Curso de Psicologia do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior - ITES

O Narcisismo, em psicanálise, representa um modo particular de relação com a sexualidade. É um conceito crucial no seu desenvolvimento teórico. O narcisismo é um protetor do psiquismo e um integrador da imagem corporal, ele investe o corpo e lhe dá dimensões, proporções e a possibilidade de uma identidade, de um Eu. O narcisismo ultrapassa o autoerotismo e fornece a integração de uma figura positiva e diferenciada do outro. Provavelmente a primeira menção pública de Freud do termo “narcisismo” se encontra na nota de rodapé acrescida à segunda edição de Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (o prefácio traz a data de dezembro de 1909). Ernest Jones relata que em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, a 10 de novembro de 1909, Freud havia declarado que o narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o autoerotismo e o amor objetal. Em 1914 Freud lança seu artigo “Sobre a Introdução do Conceito de Narcisismo”. Esse artigo é um de seus trabalhos mais importantes, podendo ser considerado como um dos fatores centrais na evolução de seus conceitos. Nesse texto é traçada uma nova distinção entre “libido do ego” e “libido objetal”; e é introduzido os conceitos de ‘ideal do ego’ e do agente auto observador (que constitui a base do que veio a ser descrito como superego em o Eu e o Isso em 1923). Freud (1914) diz que a necessidade de discutir sobre um narcisismo primário normal surgiu quando se fez a tentativa de incluir o que era conhecido como demência precoce ou da esquizofrenia na hipótese da teoria da libido – denominados por Freud de parafrênicos. Freud acreditava que na esquizofrenia a libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a atitude que pode ser denominada de narcisismo, mas esse seria um narcisismo secundário, superposto a um narcisismo primário. Freud propõe que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida aos objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais. O estágio do espelho traz a reflexão sobre a intersubjetividade humana. Freud (1914) chega ao questionamento da necessidade de diferenciar uma libido sexual de uma energia não-sexual das pulsões do Eu, se o Eu tem um investimento primário da libido. Freud ficou diante do que fazer com as antigas pulsões (não-sexuais) do Eu, de auto conservação. O espelho situa a instância do eu, ainda antes de sua determinação social, em uma linha de ficção. O Eu aí constituído é o ego ideal, diferente do ideal de ego. O ego ideal é uma imago antecipatória prévia, o que o sujeito não é mas deseja ser. É uma imagem mítica, narcisista, incessantemente perseguida pelo homem (Bleichmar e Bleichmar, 1992). O olhar do outro produz no sujeito sua identidade, por reflexo. Através do olhar do outro, o sujeito sabe quem ele é, e nesse jogo narcisista, se constitui a partir de fora.

Palavras-chave: Freud; narcisismo; erotismo; autoimagem.

Referências bibliográficas

Bleichmar, N. M. e Bleichmar, C. L. A Psicanálise depois de Freud: teoria e clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
Freud, S. (1914) Sobre a Introdução do Conceito de Narcisismo. In Edição Standard
Freud, S. (1923) O Eu e o Isso. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.